

2. A disputa entre negros e mulatos no processo de independência do Haiti

Alberto Maia Araújo¹

Resumo

Esse artigo procura analisar a situação em que se encontravam os grupos étnicos que viviam no Haiti desde o começo das primeiras insurreições negras, até a abolição da escravidão, sendo esses grupos negros, mulatos e brancos. Mostrando a posição política e social de cada um desses grupos em cada momento, destacando principalmente o caso peculiar dos mulatos que viviam em uma situação de reconhecimento com os outros dois grupos, e por isso viviam a trocar de lado ao longo desse processo. Sendo feito através de análise de textos de historiadores e sociólogos que escreveram sobre as insurreições negras e o processo de independência do Haiti, recolhendo partes que correspondem ao problema proposto para o artigo. Concluindo que os mulatos mesmo por sua aproximação com os negros, pela sua cor, o que mais interferia nas suas tomadas de posição era a garantia de suas propriedades.

Palavras-chave: Abolição, Haiti, Negros, Mulatos, Brancos, Insurreição

¹ Graduando do curso de História do Centro Universitário de Brasília (UniCeub).

Introdução

A intenção desse artigo é procurar identificar quais eram as diferenças e igualdades que existiam entre negros e mulatos nesse período, que vai desde as primeiras insurreições negras até a independência do Haiti.

De fato a tentativa aqui, não é contar uma versão do processo de independência e sim focar no que levava principalmente os mulatos a mudarem de lado nessas batalhas, ora do lado dos brancos, ora do lado dos negros.

Também abordar a heroica atuação dos negros em todo o processo e como a cultura negra com a língua *créole*, e o sincretismo religioso chamado *vudú*, colaboraram para a organização das insurreições e de todo movimento revolucionário.

Esse trabalho é feito da análise dos textos, retirando apenas as partes a qual compõem o objetivo do trabalho, já mostrado acima.

Como viviam os negros durante esse período?

Com uma média de meio milhão de escravos na ilha de São Domingos cerca de oitenta e cinco por cento de toda a população, trabalhavam em todos os setores da sociedade, desde trabalhos domésticos, nos portos, alguns “efectuaban trabajos de adminisreación em lãs plataciones, lo que permitiria tener cierta libertad de movimiento y adquirir conocimiento e experiênciã em lãs funciones de direcci3n.”(GRAU, 2009: p.24)

Porém as condições de vida desses escravos eram sub-humanas, trabalhavam de maneira precária nas plantações “trabajaban hasta dieciséis horas y su alimento era pobrísimo”(GRAU, 2009: p.24), sem contar com os diversos castigos que sofriam de maneiras mais brutais imaginadas aplicavam-se castigos como:

[...]quemarlos com um hierro candente em el cuello, rociando sal, pólvora, limón o cenizas sobre la llaga sangrienta. Um suplicio frecuente era el entierro de um negro vivo, em uma tumba cavada por el mismo, y a quien se Le untaba La cabeza con azúcar para que las moscas y las hormigas fueren más devoradoras[...] (GRAU, 2009: p.25)

Com todo esse tratamento desumano e as condições irreais que viviam esses escravos, não seria de muito espanto que as fazendas vivessem em meio a varias rebeliões de escravos, vivendo como bens dos senhores “los esclavos se rebelaban de manera

constante, pues existían diversas formas cotidianas de resistencia”(GRAU, 2009: p.25), sendo a resistência por meio da força a única saída dos escravos para fugir desse tipo de vida.

Os escravos tinham direito de constituir família, assim mantendo-se em grupo, recuperava alguns laços originais de sua cultura, mesmo com a diversidade étnica os escravos formavam uma comunidade nas plantações, sobre as bases sociais e culturais estabeleciam funções e hierarquias “ha sido documentado que en algunas zonas habían logrado crear canales de comunicación y de intercambio de ciertos productos.”(GRAU, 2009: p.25)

Assim podemos perceber que os escravos estavam procurando uma forma de ser organizarem assim definindo a si mesmo como pessoas, cumprindo um papel social.

Os escravos que conseguiam ter êxito em sua fuga se escondiam nas montanhas, onde no início das insurreições foi um dos locais de esconderijo e reuniões, “ronbadan las plantaciones y alentaban a otros esclavos a rebelarse.”(GRAU, 2009: p.25)

Quem eram os mulatos?

Os mulatos por sua vez, conhecidos como afrancesados. Esse grupo se compunha de mulatos e negros livres, (o quesito que usaremos aqui para definir o conceito de “mulato” é a sua posição no contexto histórico, em sua maioria filhos de escravos com brancos ou somente filhos de brancos. Porém, nascidos e criados em São Domingos, assim eram os mulatos:

[...]Producto del abuso de los propietarios blancos sobre sus esclavas, fue sergiendo un importante grupo de mulatos, que eran considerados libres hasta la edad de veinticuatro años[...](GRAU, 2009: p.22)

Quando alcançavam a maior idade eram obrigados a ingressar numa organização chamada *maréchaussée*, um tipo de policia paralela ao exército, em que a função era prender os negros fugidos, cuidar dos caminhos e capturar todos os negros que eram considerados “perigosos”. Essa entidade paramilitar era uma forma de acesso ao exercito principal, no qual assim podiam seguir carreira militar e almejar maiores cargos.

Porém não tinham os mesmos direitos que os brancos, mesmo podendo ter escravos e propriedades, eram excluídos de algumas práticas sociais e algumas funções “la práctica de la abogacía, medicina, religión, oficinas públicas y puestos de responsabilidad”(GRAU, 2009: p.23) eram julgados inferiores por terem parentesco com os negros,

[...]a los que había que mantener subyugados, asociando inferioridad y degradación con el rasgo más obvio que los identificaba: la piel negra[...] (GRAU, 2009: p. 23)

Enriquecimento dos mulatos

Com a ascensão social desse setor da sociedade, os brancos começaram a sancionar leis discriminatórias que freavam a ascensão social e econômica desses descendentes de escravos, que tinham adquirido importância na colônia.

Entre os anos de 1758 e 1890, potencializaram as perseguições e humilhações aos mestiços era proibido “ostentar espadas o sables, llevar ropas europeas y jugar juegos europeos”(GRAU, 2009: p. 33) também se proibiu o direito a reunião dos mulatos que moravam na França.

O enriquecimento dos mulatos aumentou o ressentimento que havia nos negros, nesse ponto os mulatos ficavam com “inimigos” de todos os lados, de um lado os brancos que tentavam frear o enriquecimento desses mulatos e do outro os negros escravos que viam esses mulatos como senhores de escravos.

[...]Estos pequeños, medianos y, em algunos casos, grandes propietarios mulatos, estaban em conflicto, al mismo tiempo, con los esclavos negros, con los grandes plantadores y con los pequeños blanco[...] (GRAU, 2009: p.33)

No meio dessas relações começamos a poder entender a posição conflituosa em que se encontravam os mulatos no meio desses processos, e entender o porquê da facilidade em que eles mudavam de lado e as diversas alianças que formaram em cada momento da revolução.

Os grandes e pequenos brancos e a burocracia se uniram nessa luta contra o enriquecimento dos mulatos e as insurreições negras, fazendo entender que o central desse conflito era a questão racial, porém os grandes brancos e os mulatos tinham um

aspecto em comum: “la propiedad, base real de sus relaciones sociales”.(GRAU, 2009: p. 33)

Créolé e Vudú

Quando começaram as insurreições não custou para que os proprietários brancos, escolhessem seus aliados. Os mulatos que eram filhos de negros, porém grandes proprietários, não custaram a entrar como aliados dos brancos com o fim de defender os seus direitos burgueses.

Os costumes e linguagem vindos da África com os negros, primeiramente foi uma barreira para a organização dos escravos na colônia, os traficantes de escravos “utilizaban la técnica de mezclar africanos de diferentes etnias”(GRAU, 2009: p. 27) isso para dificultar a organização dos negros contra rebeliões. Porém, com o tempo essas mesclas de línguas, costumes e crenças, foram se fundindo e dando origem a uma nova língua chamada *créolé* e a um novo sincretismo religioso nomeado *vudú*.

“Embora o francês fornecesse boa parte do vocabulário, também continha termos caribenhos, portugueses, holandeses, wolof e congoleses, alinhado por uma estrutura gramatical original, com acentuadas características africanas.”(BLACKBURN, 2003: p.545)

O desenvolvimento do *creolé* significou para os escravos uma enorme possibilidade de suprimir as diferenças étnicas, significou uma maior possibilidade de união entre eles, e também permitia que se organizassem, para dar informes e conspirarem sem serem descobertos.

O *vudú* era uma prática religiosa que servia além de tudo para camuflar as conspirações:

“O vudú era o meio da conspiração. Apesar de todas as proibições, os escravos viajavam quilômetros para catar, dançar, praticar os seus ritos, conversar e escutar as novidades políticas e traçar seus planos.”(JAMES, 2000: p.91)

Os rituais costumavam ser feito nas montanhas, longe das fazendas, ao ritmo dos tambores, formavam-se sociedades secretas que ao longo do tempo tomaram caráter político. E também era uma religião que tinha forte ligação com a natureza, graças as suas intimas ligações com as religiões africanas.

[...]el vudú se dirigia básicamente a las forças de La natureza y a los ancestros divinizados, formando vastos sistemas que uniam a los muerto y a los vivos em um todo familiar, continuo e solidário. Em este sentido, el vudú es una cosmovisión, na manera de ordenar y entender el mundo, que recperaba algo de la cultura africana. Por ello, el vudú fue, en si mismo, um médio de resistência de los negros frente a la opresión[...](GRAU, 2009: p.28)

O sacerdote *vudú* era frequentemente um dirigente político, e as ligações que essa religião tinha com as conspirações e insurreições fizeram com que o *vudú* fosse perseguido pela administração colonial e pela Igreja Católica.

O principal sacerdote *vudú* Bouckman organizava os escravos para a grande insurreição com o ideal de exigir o fim da escravidão “la gran sublevación de esclavos comnzó en la llanura del norte, en la cual se concentraba más de la mitad de los trabajadores”.(GRAU,2009: p.44)

“Os escravos se revoltaram porque queriam ser livres.”(JAMES, 2000: p.99) Devido a tamanha insatisfação com a escravidão e a condição desumana que viviam os escravos e com o contexto de união começaram as insurreições na ilha.

Os escravos colocaram fogo nas plantações e foram impiedosos com os brancos e senhores de escravos, porém: “As cruizas da propriedade e do privilégio são sempre mais ferozes do que as vinganças da pobreza e da opressão.”(JAMES,2000: p.94)

Começam as grandes insurreições

A força dessa grande insurreição levou com si uma aliança dos setores mais revolucionários dos negros livres e mulatos, os grandes proprietários, senhores de escravos brancos, mulatos e os colonizadores franceses se aliaram contra os negros.

“Amenazados em sus intereses por la revuelta de sus esclavos, los propietariosblacos y mulatos formaron um frete comum, a fin de defender sus propiedades, apoyados por las bayonetas francesas.”(PONS, 1991: p.126)

Os brancos acusaram os mulatos de participarem dessas revoltas negras, pelo fato de também serem “de cor”, começaram a massacrar os mulatos que estavam na cidade.

“Os mulatos odiavam os escravos negros: Primeiro porque eram escravos e segundo, porque eram negros. Mas, quando viram que de fato os escravos estavam entrando em ação em tão longa escala, contingentes de jovens mulatos de Le Cap e arrabaldes se apressaram a unir-se aos até então desprezados negros e lutar contra o inimigo comum.”(JAMES, 2000: p.95)

Assim rompia à aliança de classe entre os mulatos e os brancos, que logo formaram um exército para lutar contra o governo colonial.

[...]mulatos que habiam estudiado en Europa, que poseían instrucción militar y que habían participado en la guerra de independencia norteamericana, consolidando un poderoso ejército con el que se dispusieron a enfrentar el gobierno colonial[...](GRAU, 2009: p.47)

Os mulatos saíram vitoriosos em varias batalhas que travaram contra os seus ex aliados. Os brancos e o governo francês, numa tentativa de reconciliação com os mulatos:

[...]la Assembléa Provincial Occidental se vieram obligadas a firmar un concordato en el cual incorporaban todas las demandas de los mulatos y reconocian su igualdad de derechos[...](GRAU, 2009: p.47)

Porém o governo colonial não aceitava dar os mesmos a gente “de cor”, então a Assembleia Legislativa de Paris não aceitou o que tinha sido decidido na Assembleia Provincial, piorando ainda mais a situação entre brancos e mulatos.

No meio dessas batalhas os comandantes negros mandavam delegados com a exigência que parassem com os ataques aos brancos, porém “los grandes plantadores mulatos se negavam a reconocer estas negociaciones que ponían em peligro la fuente de sus ganancias”(GRAU, 2009: p.48) muitas vezes em reconheciam seus delegados e se negavam a recebe-los.

Frente a todas essas batalhas e a lembrança de como eram suas vidas com a escravidão os negros estavam cientes de que ou lutavam pela sua liberdade ou voltavam a ser escravos, os principais dirigentes dos negros Toussaint, deliberou que era necessário conquistar a liberdade total para todos os negros, liberdade que só se conquistaria através da guerra.

Quando a burguesia marítima foi avisada na França sobre as diversas insurreições de negros na colônia, começaram a se preocupar seriamente, frente a isso esses burgueses começaram a visar seus possíveis aliados, que não só defendiam a França, mas que também defendiam o sistema escravista, cedendo os direitos anteriormente negados finalmente conseguiram o apoio dos mulatos.

[...]al tratar de conseguir esse apoyo, en el 4 de abril de 1792 la Assemblea Legislativa de Francia sancioo el decreto que reconocían plenos derechos políticos para os “hombres de color”. Este decreto generó, al menos durante um tempo, el apoyo de los mulatos al gobierno revolucionário de la metrópole[...](GRAU, 2009: p.50)

Aqui percebemos que os mulatos agora tendo conquistado essas concessões já toram a mudar de lado, passando novamente a lutar do lado dos Franceses, contra os negros.

Os franceses mandaram novamente tropas para a colônia para poder retomar o poder e reestabelecer a paz:

[...]para terminar com los conflictos etre los latadores y los mulatos y para suprimir la rebelión de los esclavos, las autoridades de París enviaron novamente comissários a la colônia al mando de seis mil soldados[...](GRAU, 2009: p.50)

As tropas que chegaram à colônia foram recebidas com o apoio dos mulatos, vinham ao comando de Sonthonax e reconheciam a igualdade de direitos aos mulatos “apoyó sus reclamos y reorganizó el gobierno para incluir em su consejo a mulatos y negros libres.”(GRAU, 2009: p.50)

Frente a uma contra revolução dos grandes proprietários bacos, que tinham se organizado para dar o contra golpe:

[...]Galbaud desenbarcó com un gran ejército y junto con las tropas de los plantadores logro expulsar de la ciudade a los comissários y sus forças[...](GRAU, 2009: p.52)

Diante disso Sonthonax, só tinha uma saída para impedir que a ilha voltasse ao comando da monarquia:

[...]ordeno que se entregasen armas y municiones a todos los esclavos y prisioneros de Le Cap, y prometió perdon y libertad para todos los

esclavos rebeldes que rodeaban la ciudad si luchaban por la república[...] (GRAU, 2009: p.52)

Os negros desceram das montanhas e arrasaram com o exercito de Galbaub e junto com ele a tentativa de contrarrevolução dos grades proprietários brancos.

Começa o processo de abolição

Com essa ajuda e provavelmente para garantir a ajuda a ajuda futura e o apoio dos negros para a luta republicana, Sonthonax abole a escravidão na colônia de São Domingos em 29 de agosto de 1793.

Porém Toussaint não se unia aos franceses, queria que o Estado francês reconhecesse a abolição e dessem garantias de que seria efetivamente abolida.

Na França, liderados por Roberpierre, os trabalhadores e revolucionários jacobinos tinham conseguido sancionar uma constituição democrática e radical em 1793 em que:

[...]incluía el sufragio universal, el derecho a la insurrección, al trabajo y al alimento, y la declaración oficial de que la finalidad del gobierno era lograr em bien comum[...] (GRAU, 2009: p.54)

No ano seguinte com a colônia mais estável é declarada a abolição da escravidão a França e em todas as suas colônias.

Coclusão

Com isso percebemos que a relação de oposição entre negros e brancos era severa, mas também que havia entre eles várias outras divisões que se mostravam de acordos com seus interesses burgueses, como os brancos e mulatos pequenos proprietários que defendiam a república, porém não apoiavam a abolição da escravatura, e grandes proprietários mulatos e brancos, apoiavam a monarquia.

Os mulatos pequenos proprietários, apoiavam a abolição, quando seus direitos de propriedade de terra eram ameaçados, e os brancos tentavam lhes tirar direitos pela questão “de cor”, isso já se aplicava a mulatos pequenos e grandes proprietários, que se apoiavam na luta dos negros para acumular força e ter mais chances de manter seus direitos, sem nunca ter pesado em direitos para os negros. Quando os negros se rebelavam contra a escravidão, os mulatos sempre apoiavam os brancos contra a luta dos negros.

Assim entendemos que a questão dos mulatos era mais de propriedade de que “de cor” pois nesse quesito se enquadravam junto aos negros, mas na questão de propriedade enquadravam-se junto aos brancos, e mesmo quando estavam lutado junto aos negros para manter seus direitos, não se reconheciam como negros e sim como proprietários.

Bibliografia

GRAU, Maria Isabel. *La Revolución Negra: La rebelión de los esclavos em Haití: 1791-1804*. México: Ocean Sur, 2009

JAMES, c.l.r. *Os Jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo, 2000

BLACKBURN, Robin. *A construção do escravismo no Novo Mundo: 1492-1800*. Rio de Janeiro: Record, 2003

PONS, Frank M. “La independencia de Haití y Santo Domingo” In: BETHELL, Leslie. *Historia de America Latina: La Independencia*. Barcelona: Crítica, 1991.